

HOMENAGEM AOS 400 ANOS DE DESCARTES (1596-1996)

O PROJETO ILUMINISTA DA MODERNIDADE E A EDUCAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DE DESCARTES*

Antônio Joaquim SEVERINO

RESUMO

O autor presta homenagem ao filósofo Descartes destacando o seu papel de "educador da humanidade" por sua lição pedagógica de "educar o sujeito pelo esclarecimento". Critica a sociedade tecnológica atual e considera prematuro falar hoje de "pós-modernidade", pois o que está de fato ocorrendo é uma "hiper-modernidade".

RÉSUMÉ

L'auteur rend hommage au philosophe Descartes, et il met en relief le rôle de ce philosophe comme "l'educateur de l'humanité", en vue de ses leçons pédagogiques, qui cherchent à "éduquer le

^(*) Palestra proferida em 28/10/96 na Semana comemorativa dos 400 anos do nascimento de Descartes promovida pelo Centro Acadêmico do Instituto de Filosofia da PUC-Campinas. Na ocasião também se comemorou os 20 anos da criação da Revista **Reflexão**.

sujet moyennent l'éclaircissement". Il fait la critique de la société technologique actuelle et il pensa que c'est un erreur parler, aujourd'hui, de la "post-modernité", car ce que se passe, en vérité, est que nous sommes dans une "hiper-modernité".

Senhoras autoridades acadêmicas, hoje representando aqui muitas pessoas que, com competência técnica e administrativa, descortínio político e com muita dedicação pessoal, tornaram possível a realização de trabalho educacional e cultural tão significativo;

Senhores convidados, hoje aqui representando a própria sociedade brasileira como um todo, certamente testemunha do trabalho feito nesta Universidade e nesta Unidade de ensino e de pesquisa, ao longo desses vinte anos;

Senhores professores, colegas e companheiros na construção dessa obra, agentes atuais que dão continuidade à sua efetivação ao longo do tempo;

Prezados estudantes, jovens participantes de um processo que não pode ser interrompido, candidatos ao revezamento das tarefas que se anunciam no horizonte,

Hoje estou aqui, por sinal muito feliz e alegre, também decidido não ater-me apenas à discussão teórica sobre a atualidade do pensamento cartesiano. Perdoem-me a certamente anacrônica postura de orador discursivo, mas não posso deixar de insistir no significado deste evento e de minha intervenção nele.

Com efeito, estou vendo nesta comemoração uma tríplice emblematicidade. Primeiro, no plano pessoal, uma imensa gratificação de poder estar vivenciando um resultado que se dá como desdobramento de um investimento de um trabalho educacional no âmbito da filosofia; no plano institucional, a satisfação de estar participando do registro do resultado de um trabalho coletivo de construção de um projeto acadêmico e cultural: a Revista como expressão e mediação de um trabalho conjunto, fruto solidário produzido por uma comunidade no espaço e no tempo, equipes amplas em cada momento do tempo; numa perspectiva propriamente filosófica, na medida em que

esta comemoração é um momento de atualização da própria reflexão filosófica, a palpitação de uma vida que supera o tempo e que se mantém sempre criativa. Mesmo sem qualquer apelo a uma visão filosófica de perfil hegeliano, vejo a cultura e a filosofia se fazendo historicamente pela mediação de nossas práticas bem concretas.

Por isso me sinto envolvido num momento mais que auspicioso e emblemático, por representar ele o resgate dessas três dimensões, tanto mais que tal vivência é uma atualização, uma efetivação e uma realização da tríplice modalidade de expressão do que entendo ser a legitimação da nossa própria existência.

Quero dizer com isso, que estou entendendo hoje que nossas vidas só se legitimam se elas se derem como investimento sistemático na construção da pessoa humana, no plano de seu relacionamento interhumano, a meu ver, única forma efetiva de instauração real do processo de humanização. Mas esse processo, na verdade, se efetiva em três dimensões, seja enquanto vivência da amizade, no âmbito das interrelações das pessoas singulares, seja enquanto construção da cidadania, forma de relacionamento das pessoas públicas, seja enquanto prática do conhecimento, única forma do homem fundamentar o sentido de sua própria existência relacional.

Mas, vamos por partes. Investir na amizade significa ver que no plano de nossas relações interpessoais singulares, o que é possível e o que conta é exatamente o estabelecimento da relação de amizade, enquanto forma de ver no outro que me é próximo, companheiro de jornada e de tarefa, a pessoa digna de meu reconhecimento e de meu respeito. A amizade é a forma que a solidariedade deve assumir no cotidiano de nossa prática companheira, em função da consciência de nossa finalidade comum. Mas essa solidariedade não pode expressar-se como tal quando nos colocamos frente ao universo das pessoas, eis que nossa contingência nos limita por todos os lados. É hora então de entendermos o nosso relacionamento como aquele vínculo que nos une a todos enquanto cidadãos, ou seja, como

pessoas dignas de respeito e de reconhecimento para além de nosso intercâmbio direto e singular.

Mas, a cidadania, por sua vez, expressa-se num primeiro momento na particularidade de nossa tarefa de construção de projetos imediatos e comuns de trabalho. É o caso de nosso trabalho na Universidade, universo específico e bem delimitado, onde nossa atividade se dá como compromisso de um grupo específico, onde as relações de amizade nem sempre são viáveis ou mesmo necessárias, mas onde não podemos perder de vista os laços que nos unem enquanto construtores de um único e mesmo projeto institucional. É disso que estou falando, quando vejo os produtos bem objetivos e concretos, resultantes de uma ação solidária de tantas pessoas, de tantas equipes, cada uma com suas características próprias, com seus projetos particulares, mas todas investindo num trabalho de interesse comum, onde o que conta é exatamente a continuidade dos resultados. É também uma dimensão da história desta Universidade que acompanho nestas últimas 2 décadas, é muito da história do Instituto e do Departamento de Filosofia nessa mesma etapa. E, por certo, é esse aspecto para o qual mais chama a atenção um evento como este, onde nós, para além das possíveis relações de amizade e para além de nossas possibilidades da cidadania universal, fazemos questão de marcar com tantos emblemas uma realização que decorreu desse trabalho coletivo de tantas pessoas. Mas certamente nossa existência histórica não se legitimaria, nem a cidadania seria uma dimensão integral se nós não levássemos em conta a necessária forma de relacionamento que devemos ter com toda a humanidade, sem dúvida representada, em nosso contexto histórico, pela própria sociedade brasileira. Manter acesa essa chama, por mais modesta que ela seja, da prática concreta da filosofia, e hoje comemorá-la emblematicamente, é uma forma muito concreta de dizer que continuamos solidários com toda a humanidade, que vemos no conhecimento a ferramenta mais válida para a construção do sentido que instaura toda sua solidariedade.

Assim sendo, sinto-me plenamente identificado e realizado com este momento que vocês me ensinaram viver, ainda que tão fugaz!... Ele é um momento de rever amigos e de reverenciar a amizade. Aqueles amigos, parceiros de uma empreitada às vezes confusa e difícil, mas sempre atravessada de muitas alegrias e conquistas: como não me referir à qualidade afetiva e solidária daquela convivência que tive com tantos colegas/amigos dos idos de 1976 a 1981, quinquênio rico de experiências e de realizações, entre as quais se destaca a gestação e o nascimento da revista *Reflexão*, produto artesanal, fruto de uma corrente de forças, marcadas pelo dinamismo de uns, pela competência de outros, pela dedicação de todos. Que bom viver este momento em que esta filha atinge sua maioridade, já caída no mundo, dona de seu nariz, madura, sólida, forte e saudável, cheia de vitalidade e de prestígio...

As armadilhas da frágil memória aconselham-me a cautela de não citar nomes, pois esse foi um trabalho tecido como malhas de muitas redes, onde muitas mãos estiveram em ação. Mas não poderia deixar de fazer uma referência incisiva ao nome daquele que teve um papel destacadamente relevante nesse trabalho, por ter sido o seu articulador histórico. Impõe-se uma referência toda particular ao Pe. Haroldo Niero, então Diretor do Instituto de Filosofia e Teologia, em 1976, pela sua significação nessa história. Ao homenageá-lo, reconhecendo-lhe a relevante atuação naqueles idos para desencadear e conduzir esse processo, quero, na sua pessoa, homenagear também todos os colegas que com ele potencializaram o trabalho, tornando-o tão fecundo.

Sem dúvida, esta Universidade, desde sua origem, concedera lugar de destaque à filosofia, no contexto de seu projeto humanista. Mas todos sabemos também dos profundos reveses que essa tradição sofrera. De qualquer forma, foram a liderança, a iniciativa e a persistência do Pe. Haroldo que possibilitaram uma nova propulsão ao desenvolvimento desse projeto, hoje tão exitoso, mostrando seus resultados tanto no ensino de graduação como na pesquisa no curso de pós-graduação, o que veio sendo adequadamente registrado nas páginas de *Reflexão*.

Por isso mesmo, este é um momento de comemorar os frutos do trabalho coletivo, de participar da festa da colheita! De participar de um ritual litúrgico de gratidão aos deuses da fertilidade! E de reverenciar todos os agentes dessa plantação, todos os construtores dessa obra! Sinto-me feliz e até emocionado de ver os resultados tão bons que foram alcançados, decorrentes do trabalho das equipes que foram se tecendo e sucedendo ao longo desses anos, todos nós sabemos, sob tantas dificuldades, obstáculos e reveses de toda ordem... Sem dúvida, muitas dever ter sido as limitações, as frustrações pelo que não se conseguiu atingir, as decepções pelas perdas acumuladas... mas, o que importa, descontado o custo de nossas contingências, é o resultado, ainda que seja parcial, do balanço que hoje estamos fazendo desse investimento também institucional.

Mas estou feliz também por sentir pulsando forte o ímpeto do conhecimento, por testemunhar hoje a vitalidade da filosofia, no âmago mesmo de uma experiência vitoriosa, numa instituição consciente e compromissada com seu projeto educacional e cultural.

E é com ânimo redobrado por esta vivência e na perspectiva destas colocações introdutórias, que me associo à mais que justa homenagem que nos cabe prestar a essa eminente figura da filosofia ocidental, René Descartes. Nada mais oportuna e igualmente emblemática essa homenagem, pelo quarto centenário de seu nascimento. Relembrar, comemorar e explicitar o pensamento de Descartes, no contexto de sua inserção no nascente projeto iluminista da modernidade, não deixa de ser uma forma efetiva de mostrar a atualidade e a relevância da filosofia, como modalidade de conhecimento construtor da humanidade e da cidadania. Mais que oportuna esta retomada, tanto mais que a humanidade parece estar atravessando um momento histórico um tanto complicado, marcado inclusive por uma tentativa de desconstrução desse mesmo projeto, exatamente naquilo que ele pretendia ser o mais original e fecundo, na competência e validade da razão para a condução do destino da humanidade.

A modernidade, da qual Descartes é um dos fundadores, tinha, de fato, um projeto e muitas utopias. Com seu projeto iluminista,

a modernidade prometia o desenvolvimento material e moral do homem pelo conhecimento, a emancipação completa da humanidade. O progresso das ciências, da tecnologia e da cultura libertaria os homens da ignorância e da pobreza, conduzindo-os à felicidade. Os homens se tornariam cidadãos esclarecidos e condutores do próprio destino. A razão natural era vista como critério universal de toda ação e de todo conhecimento da realidade. O sujeito racional, o cogito, era o centro de tudo, organizador de um mundo plenamente ordenado. O homem é um novo Prometeu, dominando e manipulando o mundo com a ciência, a tecnologia e a indústria.

No entanto, não demorou muito para que nos déssemos conta de que essas promessas não seriam cumpridas. Residia nelas o lado ingênuo do iluminismo moderno e a realidade da Revolução Francesa logo mostrou a insensatez dessa razão desmedida. E do seio da própria modernidade, alguns profetas já começaram a denunciar essas pretensões e a prenunciar novas perspectivas que se transformarão em consígnias para a sua superação, abrindo as veias para a retórica pós-moderna. Ao priorizar o sujeito social prático e a identificar a irracionalidade da economia capitalista, Marx desmascara as pretensões do subjetivismo idealista moderno; ao priorizar o sujeito pulsional, é a vez de Freud demonstrar a inanidade do cogito; ao priorizar a vontade de poder, Nietzsche desconstrói os grandes pilares da cultura iluminista, a filosofia, a ciência e a religião cristã. Os pensadores da Escola de Frankfurt sistematizam essa crítica e mostram como a razão moderna se deixou instrumentalizar levando inclusive à industrialização da cultura.

Eis que vivemos tempos supostamente pós-modernos, quando as luzes da razão parecem não mais poder iluminar caminhos e veredas, quando o conhecimento racional parece estar sendo acusado de crime de lesa-humanidade, quando a educação do pensar perde o seu significado. Novas luzes se acendem, novas musas se levantam, novos cantos são escritos e cantados, novas dimensões são aclamadas como as autênticas vias de expressão do espírito

humano. Soam ingênuas as pretensões cartesianas de guiá-lo pelas razões da razão...

Fala-se até mesmo, audaciosamente, de uma nova ordem mundial, momento de globalização da economia, da cultura, graças sobretudo ao desenvolvimento e universalização da tecnologia, que se transformou no verdadeiro discurso da humanidade. A grande revolução tecnológica, que retira da racionalidade moderna apenas seu lado formal, colocando em cheque todo o universo conceitual de fundo supostamente iluminista. Assim, as categorias políticas tais como nação, povo, soberania nacional, liberdade, igualdade, democracia bem como o próprio Estado, o governo das sociedades devendo ser deixado ao ajuste das puras forças do mercado. A economia não é mais economia política, transformou-se em economia técnica que, livre das referências políticas, deve livrar-se igualmente das referências éticas. Se o discurso reporta-se ao coletivo, esse não é visto mais do que a massa anônima dos indivíduos atomizados e avulsos, reduzidos à condição de produtores e consumidores de bens, meros agenciadores do mercado onipotente.

A configuração do mundo contemporâneo, sob essas supostas novas expressões de pós-modernidade se transforma radicalmente. O cotidiano é invadido e dominado pela tecnologia massificante e anônima do pós-industrialismo informatizado. Trata-se de uma hiperealidade do mundo, totalmente espetacularizado. Ocorrem a total desreferencialização do real e a dessubstancialização do sujeito. Prevalece o mais completo ecletismo, tudo vale. A arte é desestetizada enquanto se estetiza a política. Procede-se a uma total desconstrução dos princípios e concepções do pensamento ocidental e a filosofia passa a ocupar-se de temas até então considerados menores ou marginais: desejo, loucura, sexualidade. Deserção do social, deserção da História, deserção do político e do ideológico, deserção do trabalho, deserção da família, deserção da religião.

O mundo perde o sentido, ou pelo menos a razão iluminista não consegue encontrar-lhe um. Nem na origem, nem no fim há sentido. É pura banalidade, um cotidiano vazio, universo de puras

ilusões, constituído apenas de simulacros, expostos à contemplação de um sujeito igualmente sem substância, mero consumidor de imagens ocas e inconsistentes. Nenhum critério lógico preside à ordem das coisas, não se pode falar de intervenção de quaisquer tipos de referência para a ação. Nesse novo cenário, construído sobre os destroços da modernidade, eleva-se um enorme aparelho técnico-científico, que descarta todos os demais tipos de saberes, ciências e paradigmas, produzindo autênticas próteses de pensamento e de linguagem. O mundo atual é visto apenas como um campo de vivências ludico-afetivas, de sociabilidade conflitiva, de disputas e diferenças onde prevalecem as éticas tribais. Não há mais lugar para o racionalismo, para o messianismo e para o iluminismo vanguardista. A liberdade dos sujeitos só pode encontrar-se nos interstícios da vida.

Mas nem tudo se desmancha no ar!... Este novo discurso também tem seu calvário! Padece do mesmo ônus que atribui ao discurso da modernidade: está, na verdade, desempenhando o duro jogo ideológico, legitimando, mais uma vez o jogo do poder.

Com efeito, se era ilusória a pretensão de cartesianos e kantianos de uma virada absoluta da razão moderna em relação aos paradigmas da antiguidade e da medievalidade, comprometidos com o essencialismo metafísico, é igualmente ilusória a pretensa conclusão da pós-modernidade em achar que está ocorrendo uma crise de paradigma, entendida como crise do conhecimento. Na verdade, assim como quase nula é a diferença entre o racionalismo da medievalidade e aquele da modernidade, é pouco nítido o avanço da pós-modernidade em relação à modernidade quando se trata de conhecimento. São apenas expressões históricas concretas, modalidades específicas que se superam ao longo de um desenvolvimento contínuo da prática do conhecimento humano. O que nos autoriza a dizer que continua havendo sentido e que todas as expressões da cultura contemporânea continuam sendo decorrentes do esforço pela busca do sentido, ainda que enviesadas, atropeladas pela seu uso ideológico.

O que nos autoriza também a concluir que, de fato, é no mínimo prematuro falar de pós-modernidade, eis que o que está

ocorrendo é uma hiper-modernidade... Com efeito, o que é a globalização senão a plena expansão da economia capitalista direcionada pela critério da racionalidade técnica, por sinal, nem tanto assim, tal seu alto grau de miopia ainda vigente? Que história é esta de desreferencialização ética e política, senão o velho individualismo moderno, ora exacerbado para efeitos da expansão da ideologia neoliberal, igualmente atrelada à velha ganância da economia capitalista? Que confiança esta no aparelho tecnológico, senão uma nova versão, ora no plano da revolução informática, do moderno prometeísmo da modernidade?

Impõe-se, pois, concluir com Warren Montag, que há sentido, ou seja, sem dúvida o homem é também sujeito, transcende sua pura imanência; e como sujeito representa a realidade e, além disso, cabe-lhe ainda construir a história, ou seja, moldar os recursos dessa realidade com vistas ao atendimento de suas próprias necessidades de sujeito coletivo, solidário no tempo e no espaço com seus semelhantes, outros tantos sujeitos dessa história.

E, sem nenhuma dúvida, o educador é fundamentalmente esse sujeito a quem cabe representar o real, dar intencionalidade à ação e assim participar da formação dos sujeitos construtores da História. E a ferramenta do educador é o conhecimento. Certo, a não mais ser usado com as pretensões absolutizantes com que se extrapolaram as metanarrativas modernas, mas como o insuperável poder de esclarecimento.

Por essa razão e tendo em vista essas finalidades, o educador do terceiro milênio terá que se reconstituir como funcionário do conhecimento, como agente criterioso, criativo, competente e crítico do esclarecimento, referência dos caminhos que devem ser construídos e trilhados, já que a humanidade continua como aquele sujeito coletivo, por cuja prática tece sua própria história. E dessa condição não há como abdicar.

Fiquem então aqui registradas nossas homenagens a esse grande instaurador de uma das mais significativas etapas do trabalho

do conceito na história da cultura ocidental. René Descartes se torna atual e relevante para nossos tempos, exatamente pela sua significação de educador da humanidade, muito mais do que pela procedência ou não de suas teorias, necessariamente datadas. A sua é uma lição pedagógica, eis que o que importa é a educação do sujeito pelo esclarecimento, pois só assim aplicará sentido a sua história, só assim construirá história, e só assim se humanizará, humanizando a todos ao mesmo tempo. Homenagens sinceras ao iluminista Descartes, pela sua inesgotável contribuição à construção da cidadania. Homenagens igualmente sinceras a seus novos leitores e ouvintes do terceiro milênio, por se disporem a dar continuidade a esse infindável trabalho.

Muito obrigado...